



Marcelino Lima é sócio fundador e vem, desde a institucionalização do Caatinga, contribuindo de diferentes formas com seu trabalho, ajudando esta organização a cumprir sua missão institucional. Engenheiro agrônomo, com mestrado em agricultura tropical e subtropical pela Universidade de Göttingen, na Alemanha, trabalhou no Caatinga em dois momentos, onde desenvolveu um importante trabalho com manejo de caatinga, apicultura, organização comunitária entre outras iniciativas. De junho de 2007 a julho de 2008 Marcelino voltou a trabalhar no Caatinga, assumindo a coordenação do Programa de Fortalecimento Institucional.

O Caatinga: Marcelino em um ano de trabalho no Caatinga, na segunda fase, quantas visitas comunitárias e familiares você fez e qual a importância destas visitas?

Marcelino: Foram 14 visitas em 14 meses de trabalho mais intensivo no Caatinga. Elas tiveram uma importância enorme na minha formação e na minha percepção sobre a convivência com o semi-árido, mas também foram momentos muito prazerosos de rever velhos amigos, famílias amigas que me acolham em suas casas e me davam dormida e comida no tempo em que eu cumpria a missão de iniciar a implementação de um programa de criação de abelhas na região. Foi muito interessante ver a evolução do trabalho destas famílias na direção da sustentabilidade, da transição para a agroecologia.

O Caatinga: O que você percebeu em relação à construção do conhecimento agroecológico resultante do trabalho do Caatinga?

Marcelino: Há muitos avanços, há muitos conhecimentos sendo “gestados e geridos” e necessitando serem apropriados e apreendidos. Encontrei sistemas familiares de produção de sequeiro utilizando práticas de controle eficiente de erosão; de retenção de água nos solos; de adubação orgânica, usando esterco de curral e chiqueiro de criações; de manejo comunitário de terras; de seleção e uso de sementes crioulas; policultivos interessantes; arredores de casa bem cuidados com quintais de plantas; cisternas rurais; etc. tudo isso contribuindo, concretamente, para a segurança alimentar e a geração de renda para essas famílias. Agora, creio que é necessário pensar numa iniciativa que possibilite a apreensão de todo esse conhecimento para que ele possa ser divulgado amplamente, como conhecimento agroecológico construído e para que seja matéria de formulação de programas de governo, e, assim, contribuir para o desenvolvimento sustentável do semi-árido brasileiro.

O Caatinga: Na sua percepção quais as dificuldades que as famílias encontram ainda para viver em comunidades rurais do semi-árido?

Marcelino: Apesar dos programas governamentais de redistribuição de renda, a falta de água e comida ainda é um dos principais problemas para comunidades e famílias pobres, principalmente nos anos em que chove pouco ou de forma descontrolada e quando as safras de feijão e milho são prejudicadas. Mas a fome do povo não é só resultado das agruras do clima semi-árido. Há poucos dias

o Jornal do Commercio (Recife) publicou uma série de reportagens intitulada “Feridas Abertas da Fome”, em homenagem aos 100 anos de nascimento de Josué de Castro, o médico pernambucano que deu visibilidade mundial à temática da fome. Um dos textos é sobre uma criança de Ouricuri que passa fome todos os dias com sua família, mostrando que o problema não é só climático. É, sobretudo, político, porém não acaba aí. Por um lado identifico uma falta enorme de informações sobre o que é correto fazer para produzir bem e sem agredir a natureza semi-árida, e, por outro lado existe uma grande e massiva propaganda sobre as formas erradas de tratar a natureza que resulta num forte incentivo comercial para as pessoas usarem venenos e adubos agrícolas. Por trás disso há uma poderosa indústria que visa o lucro fácil e rápido. Na contramão dessa história apenas um pouco de gente defende e incentiva uma produção sustentável, para a transição para a agroecologia, valorizando os defensivos naturais, o uso do esterco de curral e chiqueiros de criação, bem como a seleção de sementes crioulas de milho, feijão, sorgo, fava, etc. Também há pouca valorização das raças de animais locais, ficando as famílias agricultoras cada vez mais reféns da indústria de venenos, adubos e sementes.

O Caatinga: Dia 02 de dezembro o Caatinga comemora 20 anos. Qual análise você faz da trajetória de luta e de conquistas da Instituição?

Marcelino: O Caatinga é uma grande organização que, ao longo de sua história, conquistou seu espaço político na sociedade no que se refere à luta pelos direitos de famílias agricultoras e por uma agricultura familiar pouco dependente do grande capital do campo. Hoje o Caatinga lida com várias iniciativas que contribuem para o desenvolvimento sustentável do semi-árido brasileiro e essas iniciativas se configuram nos programas como o Programa Um Milhão de Cisternas, o Programa Uma Terra e Duas Águas, em convênio com a ASA (Articulação no Semi-Árido Brasileiro). Mas o Caatinga também cuida de seus próprios projetos e sonhos, como o de implementar tecnologias de convivência com as condições de semi-aridez proporcionando mais autonomia para famílias agricultoras pobres, passando por processos amplos como a negociação de políticas e projetos até a implantação de sistemas de irrigação em pequena escala, cisternas, barreiros de lona, caixas d'água, hortas caseiras, criação de galinhas, construção de barragens subterrâneas, entre outras tecnologias. Tudo isso para proporcionar dignidade a famílias agricultoras.

O Caatinga

Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não Governamentais Alternativas

CAATINGA



N. 9 AGOSTO / 2008



UNIÃO EUROPÉIA

O Semi-Árido ficou mais triste. Um adeus ao Pastor Arnulfo e a Edileide Medeiros Veja mais na pág.02



Estágio de Vivência prepara futuros profissionais Veja mais nas pág. 4 e 5

LEIA MAIS

Pág. 03
ELEIÇÕES 2008.
Por um processo limpo e justo

Pág. 5
Aniversário das feiras agroecológicas de Ouricuri e implantação da feira de Sipauba é comemorado com muita alegria

Pág. 06
Associações Rurais do Araripe se fortalecem e conquistam espaços políticos e de desenvolvimento na Região.

Pág. 07
Família assessorada pelo Caatinga, em parceria com o Projeto Dom Helder Camara, desenvolve trabalho referência para comunidade

Pág. 07
Biblioteca do Caatinga é informatizada e abre para o público



O Projeto Segurança Alimentar e Acesso a Mercado para Agricultores Familiares do Araripe é co-financiado pela:



UNIÃO EUROPÉIA



“Esta publicação foi produzida com o apoio da União Européia. O conteúdo desta publicação é de responsabilidade do caatinga e não pode, em caso algum, ser tomada como expressão das posições da União Européia”

Outros parceiros do Caatinga



O caatinga faz parte das redes



A Crise de Alimentos

A crise de alimentos é provocada, entre outros fatores, pela demanda significativa de alimentos, principalmente por países emergentes como o Brasil.

Equivocadamente, o Agronegócio, é apontado como solucionador.

O Agronegócio favorece uma minoria que pode comprar esse alimento e ignora o resto da população mundial que não pode pagar. Portanto trata-se de um modelo altamente excludente, e "degradador" ambiental, que visa apenas o lucro.

As alternativas para minimizar ou até mesmo aniquilar a crise de alimentos, não estão numa solução milagrosa, mas num conjunto de políticas de apoio à Agricultura Familiar, que responde hoje pelo fornecimento de cerca de 70% dos alimentos que chegam à mesa da população brasileira.

Nesse caso acreditamos que a Agroecologia, como prática e como política pública, é uma alternativa viável para o desenvolvimento da agricultura familiar, por considerar uma maior integração entre pessoas e ecossistemas, na perspectiva de propiciar produção com qualidade de vida.

Em se tratando de Semi-Árido é preciso ainda reforçar e desenvolver uma cultura de estoque - água e alimentos, para o consumo humano, animal e para produção.

Destacamos também a necessidade de desenvolver ações que potencialize o papel das mulheres e jovens no âmbito político organizativo e produtivo.

Para acabar com a fome, precisamos mais do que tudo, de governantes querendo fazer, como também de uma maior participação popular na proposição e controle das políticas públicas.

“Uma parcela de amor para mudar o mundo”



Assim escreveu Samarone Lima sobre o Pastor Arnulfo Barbosa, sobre sua vida e sua luta pela garantia de direitos (à água, à terra e a uma vida digna) para os povos do semi-árido brasileiro. Garanto que se Samarone tivesse conhecido Edileide Medeiros ele teria escrito a mesma coisa, com o mesmo carinho, com a mesma emoção, pois, como Arnulfo, Edileide também lutou, da sua forma, e com a dignidade que Deus lhe concedeu, pelos direitos do povo e das mulheres desta região.

É com a frase do título deste pequeno “escrito” que Samarone encerra sua belíssima homenagem ao Pastor Presbiteriano que quis mudar o mundo a partir de sua face mais simples: a face das famílias mais pobres, daquelas mais necessitadas de tudo. De água. De comida. De terra. De trabalho e de dignidade. Arnulfo tinha “uma incrível capacidade de refazer idéias, ponderar, buscar caminhos... e ele fazia isso com rara doçura” e sabedoria.

Arnulfo e Edileide. Duas pessoas diferentes que olhavam o semi-árido com os “óculos da justiça social” e assim seguiam, ambos, seu caminho trabalhando para que as populações pobres desta imensa região tivessem uma vida melhor e prazerosa de ser vivida. Mas os dois nos deixaram no mês de agosto deste ano e até hoje estou sem entender por que. A única explicação que encontro é a do inexplicável: os mistérios divinos que não somos capazes de alcançar nem de compreender no plano terreno. Não há outra, por mais que procure, pelo menos para mim.

Aqui na Terra perdemos com a ida prematura dos dois, pois ambos tinham, ainda, muito a contribuir para fazer deste um mundo melhor, com justiça social e igualdade para todos. Ganharam os céus, certamente, pois Arnulfo e Edileide possuem um enorme crédito pelas suas valiosas “parcelas de amor para mudar o mundo”, um presente de valor incalculável que ambos deixaram para os povos do semi-árido e para a humanidade.

Com lágrimas nos olhos, um grande nó na garganta e uma saudade do tamanho dos céus.

Marcelino e equipe do Caatinga

Família assessorada pelo Caatinga, em parceria com o Projeto Dom Helder Camara, desenvolve trabalho referência para comunidade



A família de Sr. Antonio Raimundo Batista, mais conhecido como Zé Dias, Maria Dolores da Silva e seus três filhos, vem desenvolvendo um trabalho que está servindo de referência para as demais famílias da comunidade da Parede do Entremontes no município de Parnamirim-

PE, uma das comunidades acompanhadas pelo CAATINGA em parceria com o PDHC.

Em 2007, Seu Zé Dias e sua esposa Dolores começaram junto com outras mulheres, uma horta comunitária com princípios agroecológicos. Esse trabalho inspirou a família e agora em 2008 decidiram implantar na propriedade uma horta familiar onde cultiva uma diversidade de alimentos como: alface, coentro, cebolinha, beterraba, cenoura, nabo, pepino, acelga, repolho, tomate, pimentão, pimenta, berinjela, abobrinha, rúcula e mostarda entre outras.

Antes desta atividade a família tinha que esperar por alguma diária de trabalho para conseguir alguma renda. Muitas vezes o trabalho era o de aplicar agrotóxicos nas plantações de monoculturas que existem na comunidade. Não foi fácil para a família começar esta horta. Eles eram muito criticados pelos vizinhos por causa do trabalho, isto porque vivem em uma região onde predomina o monocultivo de melancia, melão, cebola e tomate e onde há um grande uso de venenos e adubos químicos, e uma outra lógica de cultivo causou estranheza nessas pessoas.

Mesmo com as críticas, a família vem tocando o trabalho e vem conseguindo bons resultados de produção e na venda para as comunidades vizinhas. A família se orgulha de dizer que trabalha para si própria. Colocam um alimento de ótima qualidade na sua mesa e na de seus vizinhos na comunidade. Hoje a família não vende mais o esterco que se encontra no curral que está sendo todo utilizado na produção e está se preparando para o período de estiagem com a produção de silagem. A dificuldade com irrigação foi superada com a implantação de um sistema de micro irrigação, através da parceria CAATINGA/PDHC.

Biblioteca do Caatinga é informatizada e abre para o público



O Caatinga cumpre mais uma meta do Projeto Segurança Alimentar e Acesso a Mercado para Agricultores Familiares do Araripe, financiado pela União Européia,

Oxfam, Oxfam Novib e Intermón Oxfam.

A informatização da biblioteca Telma Castelo Branco passou por um processo de organização que levou nove meses. A bibliotecária Rosimeri Couto, do Recife, prestou assessoria à Instituição e capacitou funcionárias do Caatinga para trabalhar com a base de dados. Hoje, o Caatinga conta com um acervo de 2.564 inserções, entre livros, DVDs e fitas VHS. A biblioteca é aberta para os públicos

interno e externo. O objetivo do Caatinga é prestar serviço à sociedade e ajudar a divulgar informações agroecológicas e proporcionar pesquisas para estudantes e profissionais relacionados à área de agricultura. O Caatinga também dispõe na biblioteca de um computador para pesquisas na Internet. Reginaldo Alves, Coordenador do Caatinga, comenta “para o Caatinga esse trabalho é muito importante pelo fato de ter de forma organizada uma rica fonte de pesquisa e de informações sobre um conjunto de temas que pode ajudar profissionais, estudantes e sociedade de uma forma geral”.



Associações Rurais do Araripe. Fortalecimento e conquistas nos espaços políticos e de desenvolvimento na Região.



Fortalecer a agricultura familiar, as associações e a idéia do cooperativismo tem sido uma das grandes metas do projeto Segurança Alimentar e Acesso a Mercados para Agricultores Familiares do Araripe, co-financiado pela União Européia, Oxfam, Intermón Oxfam e Oxfam Novib.

No decorrer dos últimos dois anos, o Caatinga vem desenvolvendo uma política de fortalecimento das Associações Rurais, investindo no espírito de solidariedade, companheirismo, organização e gestão. Atualmente são 20 associações diretamente ligadas ao projeto, 70% delas estão com os seus livros de atas atualizados, e 70% dos sócios em dia com suas obrigações junto às associações e participando das reuniões. Dentre os impactos obtidos destaca-se a formação de consórcios que significa a mobilização de grupos de associações que estão geograficamente próximas, e que se fortalecem coletivamente na busca de superar os problemas existentes, assim como trocar experiências sobre as estratégias de atuação, dinâmicas e gestão interna. Os consórcios são iniciativas das próprias associações, que buscam apoio de outros parceiros. Atualmente são 05 consórcios que envolvem 44 associações do município de Ouricuri, o CAATINGA assessora mais diretamente quatro destes consórcios.



Outras conquistas importantes vêm acontecendo na vida das associações, como é o caso da associação da Agrovila Nova Esperança, que conseguiu aprovar um projeto junto ao Ministério do Meio Ambiente, de apoio a iniciativas locais de combate à desertificação. Segundo Izabel de Jesus, Secretária da associação, “as capacitações dadas pelo Caatinga para fortalecimento e organização das associações tem contribuído muito para a autonomia na gestão e qualificação do conjunto de sócios e sócias para atuação nos espaços de políticas públicas”. A tendência é que essas organizações avancem muito mais nesta caminhada e o espírito político e de compromisso com o povo, fez com que a associação do povoado de Jatobá, a 34 km da sede do município de Ouricuri, realizasse um debate com os candidatos a vereadores de sua comunidade. Como diz o presidente da associação do Jatobá, Francisco Rogério Ferreira da Costa (Doda): “O debate ajudou aos sócios de 4 associações e membros da comunidade a conhecer melhor as propostas e compromissos dos candidatos com o desenvolvimento de suas comunidades”.

A participação ativa e qualificada na definição de políticas públicas é outro bom exemplo do fortalecimento dessas organizações. Este é um dos aspectos mais importantes, pois tem ajudado estas organizações no acesso a direitos e programas governamentais federais e estaduais: Bolsa-família, PRONAF, PAA - Programa de Aquisição de Alimentos e Seguro-Safra, Programa de Combate à Pobreza Rural PCPR, todos eles amplamente debatidos principalmente nos Conselhos de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS) de cada município.

Segundo o Coordenador do CMDRS de Ouricuri o Sr. Antonio Alves Vieira, “hoje temos um bom número de associações participando ativamente das reuniões do conselho, interagindo bastante nos debates e na busca de ações de desenvolvimento para o nosso município”.

Estes são exemplos de que o trabalho político junto a essas associações tem avançado e essas estão se tornando realmente agentes promotores do desenvolvimento das comunidades e sendo atores ativos na vida política de seus municípios.

ELEIÇÕES 2008. Por um processo limpo e justo



Opinião

Reginaldo Alves
Coordenador Geral do Caatinga

É comum nos períodos eleitorais sermos questionados enquanto instituição, sobre quem iremos apoiar. Alguns nem perguntam. Já dizem diretamente que apoiamos candidato A ou candidato B e estes questionamentos nos têm levado a refletir melhor sobre nosso papel no processo eleitoral. Temos uma certeza: não cabe ao Caatinga envolver-se no processo eleitoral em defesa de candidato A ou B, independente a qual partido pertença. Cabe sim ao Caatinga, contribuir para um processo eleitoral justo, transparente e limpo. E o que temos feito para que isso aconteça? Temos feito diversos debates no programa de rádio “Agricultura familiar em Debate” e temos debatido sobre o papel das organizações sociais, especialmente as Associações Comunitárias Rurais, que são atores importantes na cobrança de programas de governo que atendam as necessidades das famílias agricultoras. E, especialmente neste processo eleitoral, temos incentivado e participado ativamente do Comitê 9840, de Combate a Corrupção Eleitoral, do qual participam outras 12 organizações do município.

Achamos que é importante avançarmos para um processo eleitoral justo, com oportunidades iguais para todos que se colocam como candidatos, e que a escolha para a opção do voto se dê pela capacidade de apresentação de idéias, propostas e alternativas para os problemas apresentados pela sociedade e não

meramente pela condição financeira de um determinado candidato. Isto significa efetivarmos a condição de termos um processo eleitoral limpo e transparente e que o convencimento do voto do cidadão eleitor se dê a partir da defesa de idéias e não em troca de favores materiais, promessas não cumpridas ou qualquer outra forma que não esteja dentro dos princípios éticos eleitorais, previstos em lei.

A sociedade civil tem contribuído de forma importante para que isso aconteça de fato. A lei 9.840/99, resultante de uma ampla mobilização social de coleta de assinaturas, para que fosse aprovada por emenda popular, tem promovido uma mudança profunda na relação candidato eleitor e tem se tornado uma ferramenta importante para o Ministério Público e para a Sociedade Civil na luta contra a corrupção eleitoral, especialmente a partir dos Comitês contra a corrupção eleitoral, criados em diversos municípios, inclusive em Ouricuri.

Portanto, é importante dizer que o Caatinga sempre estará participando dos processos eleitorais, exercendo seu papel de organização de formação, de defesa da democracia, da transparência e da justiça social. O acúmulo de 20 anos de experiência nos permite contribuir e dialogar sobre propostas de políticas públicas que possam melhorar os aspectos ambientais, sociais e econômicos da nossa região.

Estágio de Vivência em Agricultura Familiar Camponesa, prepara futuros profissionais para trabalhar agricultura familiar sustentável

Por: Ednalva Nunes

O Estágio de Vivência em Agricultura Familiar Camponesa é uma estratégia construída numa parceria entre CAATINGA, Diaconia, Centro Sabiá e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, que promove um espaço de produção de conhecimentos entre futuros profissionais através do diálogo e troca de experiências, junto às Famílias Agricultoras, numa perspectiva de formação de profissionais que assimilem a agricultura familiar como meio de desenvolvimento sustentável no campo.

Para o V Estágio de Vivência em Agricultura Familiar Camponesa, realizado de 14 de julho a 01 de agosto de 2008, foram pensados três momentos distintos: O primeiro momento de palestras leituras, trabalhos em grupos e discussões sobre os processos históricos da agricultura familiar e camponesa, e da construção da agroecologia no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco. O segundo momento, foi o de vivência nas propriedades das famílias agricultoras, nas áreas de atuação do Caatinga, Diaconia e Sabiá, juntamente com as ações do PDHC (projeto Dom Helder Camara). E o terceiro momento foi de socialização das experiências vividas pelo grupo junto às famílias agricultoras. Neste estágio foram envolvidos 22 alunos e alunas de Escolas e Universidades dos Territórios da Zona da Mata Sul, Agreste Setentrional, Agreste Meridional, Sertão do Pajeú e Sertão do Araripe, em Pernambuco, do Território da Borborema no Estado da Paraíba e o Território do Açú-Mossoró do Rio Grande do Norte.

A vivência nas propriedades das famílias agricultoras foi considerada pela equipe de estudantes, como o momento mais reflexivo em relação ao processo de construção de conhecimento e reconhecimento da importância do papel da Agricultura Familiar na promoção do desenvolvimento do campo de forma sustentável. Para a equipe, o estágio de vivência proporcionou um elevado nível de consciência, capacidade de



reflexão e crítica, entre outros aspectos positivos, tendo em vista que o mesmo tem caráter humanístico, social, cultural, colocando o futuro profissional frente as reais dificuldades enfrentadas pelas famílias agricultoras, bem como suas experiências de vida, mostrando até que ponto o processo de modernização da agricultura favoreceu para as crescentes diferenças sociais, econômicas e ambientais.



O depoimento de Tereza Cristina Engenharia Florestal. cursando Licenciatura em Ciências Agrícolas pela UFRPE expressa bem esse momento.

“O estágio foi uma experiência única, onde pude acompanhar a rotina de uma família agricultora que reside na Agrovila Nova Esperança em Ouricuri PE. A família é composta por 4 pessoas: Adão (pai), Fabiana (mãe), a pequena Fernanda (filha) e Fernando (filho) que, com quatro anos de idade, já entende sobre a importância de preservar a natureza. Durante o tempo que estive com a família, observei que existe entre eles uma consciência ecológica em todos os sentidos, principalmente no que diz respeito ao desperdício. Nada naquela casa é jogado fora, tudo é repensado, reutilizado e reciclado, nem as cinzas do fogão à lenha são jogadas fora. Essa pode ser aproveitada para receitas de remédios naturais na cura de animais. Pude entender melhor seus hábitos alimentares, que através de um cardápio variado e simples, suprem as necessidades básicas de proteínas, estas retiradas da própria unidade produtiva. O casal, além das atividades produtivas da propriedade, divide as tarefas domésticas e referentes à educação dos filhos. Durante o estágio, verifiquei o papel fundamental que o Caatinga desenvolve nessa comunidade ao transmitir a importância da produção de base ecológica, através de técnicas de manejo empregadas, capacitações e intercâmbios”.



Aniversário das feiras agroecológicas de Ouricuri e implantação da feira de Sipauba é comemorado com muita alegria



As famílias agricultoras do Tamboril e da Agrovila Nova Esperança, consumidores e equipe do Caatinga, comemoram dia 05 de Julho o 5º aniversário da Feira Agroecológica de Ouricuri. Na ocasião o programa de rádio do Caatinga, “Agricultura familiar em debate”, foi realizado ao vivo, com depoimentos dos consumidores e produtores. Houve também um debate sobre os processos de produção, organização e comercialização, enfatizando temas como: segurança alimentar, renda e meio ambiente. Os consumidores falaram sobre os produtos agroecológicos e sua importância para a saúde da família. Durante o evento, o Caatinga lança a Cartilha de Estoques e o II Caderno de Experiências Agroecológicas com foco na questão das mudanças climáticas.

Em Sipauba, distrito de Bodocó, o clima também foi de sucesso, a feira inicia com 03 bancas, mas as famílias agricultoras estão animadas para que em breve haja um crescente aumento de oferta e procura. Para Irlânia Fernandes, a inauguração da feira de Sipauba significa mais um espaço de troca de saberes, organizada pelo Caatinga e famílias agricultoras que buscam promoção de segurança alimentar e geração de renda com qualidade de vida no Semi-Árido brasileiro.

